

Campanha Salarial 2024

Mobilização assegura conquistas dos bancários

Um dos pontos altos da Campanha Nacional dos Bancários de 2024 foi o reajuste salarial superior à inflação, de 4,64%, garantindo ganho real para este ano e para o próximo. Também houve melhorias em benefícios como vales-alimentação e refeição, mais auxílio-creche. A antecipação da PLR e da 13ª cesta alimentação reforça os avanços obtidos.

Tudo isso não é por acaso, é fruto de intensas negociações e da mobilização da categoria que se mostra disposta a fazer o enfrentamento necessário do momento. A força e união dos bancários, em todo o país, foram vitais para assegurar conquistas, preservar direitos e ampliar benefícios.

A minuta de reivindicações específica do Bradesco foi entregue à direção do banco pela Comissão de Organização dos Empregados (COE) no dia 19 de julho. O documento foi finalizado no Encontro Nacional dos Bancários do Bradesco, ocorrido em 6 de junho, contendo em seu eixo a manutenção dos empregos e de agências, segurança, combate ao assédio, prevenção ao adoecimento, além das cláusulas econômicas que são discutidas com o conjunto dos bancos.

No ato da entrega, a COE reiterou a preocupação com o intenso fechamento de agências. A eliminação da presença física do banco, além de todo prejuízo que causa aos bancários e ao público em geral, impacta também na visibilidade da marca, que



Defesa do emprego e de direitos foram focos da Campanha Salarial nacional, marcada por muitas manifestações nas agências

já diminuiu muito, e isso é perigoso para o próprio banco. Como afirma o ditado popular: “quem não é visto, não é lembrado”.

Acordo diferenciado

Na Bahia, o Sindicato desempenhou papel crucial, liderando mobilizações para assegurar conquistas, garantindo ainda mais direitos para a categoria, como as gratificações semestrais que significam dois salários a mais por ano, o 14º e 15º, que já não existem mais em outros estados.

Outros destaques da campanha foram

ações que deram maior visibilidade e força no combate às metas abusivas, assim como ao assédio moral e sexual, com a inclusão de cláusulas inéditas que criam canais de apoio às vítimas. O movimento sindical é incansável nesses pontos todo tempo.

Ficou também mais evidente a preocupação crescente com a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores no setor bancário, que enfrentam altos níveis de sofrimento mental em função do ambiente tóxico gerado pela lógica de acumulação e concentração de riqueza que norteia a gestão dos bancos.

A campanha focou, ainda, na requalificação profissional, especialmente para mulheres, pessoas trans e trabalhadores com deficiência. Foram conquistadas bolsas para capacitação em áreas tecnológicas, para ampliar a inclusão no mercado de trabalho e reduzir desigualdades.

**Saúde e
responsabilidade social**
Pág.2

**Impactos da
reestruturação**
Pág.3

**Presença
na luta**
Pág. 4

Foco no lucro não se reflete em responsabilidade social

Embora venha recuperando patamares de lucratividade, o Bradesco não se preocupa em dedicar à gestão de pessoas a mesma atenção que dá à gestão financeira. O fechamento de agências continua em ritmo acelerado, impactando na sobrecarga de trabalho nos pontos de atendimento remanescentes, com consequente adoecimento dos funcionários, além da queda na qualidade de atendimento aos clientes. Ou seja, irresponsabilidade com seu papel social.

No segundo trimestre de 2024, o banco registrou lucro líquido recorrente de R\$ 4,716 bilhões, alta de 12% na comparação com trimestre anterior e de 4,4% na base anual. O resultado ficou acima das projeções de analistas do mercado de capitais.

De acordo com relatório, o resultado foi impulsionado por menores despesas com

Provisão para Devedores Duvidosos (PDD), aumento de margem financeira, receita de serviços e resultado das operações de seguros. Só as receitas com serviços tiveram alta de 6,4% em um ano, atingindo R\$ 9,3 bilhões.

O Bradesco é o segundo maior banco pri-

vado do Brasil, com mais de 71 milhões de clientes, aproximadamente 4,6 mil agências e cerca de 99 mil funcionários. Sua dimensão na economia, entretanto, precisa se refletir socialmente na geração de empregos diretos e de renda no conjunto da sociedade.



O Sindicato segue denunciando publicamente a irresponsabilidade social do Bradesco

Ambiente de trabalho deve passar por atualizações

A Lei 14.831, sancionada em março de 2024, criou o Certificado Empresa Promotora da Saúde Mental, buscando incentivar práticas que promovam bem-estar no trabalho. Embora a certificação seja voluntária, sua adoção pode representar um diferencial competitivo para os bancos, que investem muito em imagem pública. A concessão do certificado será conduzida por uma comissão federal

A nova lei busca estimular empresas a adotarem políticas de combate ao assédio, fornecer apoio psicológico, além de incentivos ao equilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Isso é de grande relevância, especialmente no setor bancário, onde os índices de uso de medicamentos controlados têm crescido assustadoramente.

A saúde mental no ambiente de trabalho é uma preocupação crescente em âmbito global. Tanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto a Organização Internacional do Trabalho (OIT) já alertaram para a urgência de políticas que promovam o bem-estar mental dos trabalhadores.

No Brasil, a situação é particularmente alarmante entre os bancários: segundo da-

dos do Dieese, em 2023, 41,9% dos empregados de bancos utilizaram medicamentos controlados, um aumento em relação aos 35,5% registrados em 2022.

Normas Regulamentadoras

Um estudo da USP, apresentado pela Justiça do Trabalho ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), propõe atualizar as Normas Regulamentadoras (NRs) para adequá-las ao contexto do trabalho remoto e das tecnologias digitais. Dentre as mudanças sugeridas está a inclusão de plataformas virtuais como locais de trabalho e o direito à desconexão para funcionários em atividade remota. A NR-1, por exemplo, passaria a cobrir tanto instalações físicas quanto espaços virtuais, enquanto a NR-17 deve incorporar medidas contra riscos ergonômicos e psicossociais em home office.

O MTE informou que as sugestões serão avaliadas pela Comissão Tripartite Paritária Permanente, responsável pela revisão das NRs. Essas iniciativas visam modernizar as normas trabalhistas para refletir sobre as mudanças nas relações de trabalho e garantir um ambiente trabalhista.



Campanha oncológica até dezembro

De olho nas campanhas do Outubro Rosa e Novembro Azul, o Bradesco anunciou isenção da coparticipação no plano de saúde, para titulares e dependentes realizarem exames da área oncológica, como mamografia, colposcopia, papanicolau, PSA e ultrassom de próstata.

A iniciativa inclui, ainda, canal de atendimento social para esclarecimentos de dúvidas sobre o tema, acolhimento e apoio aos bancários adoecidos. Estão previstas também palestras com especialistas e outras atividades, com o objetivo de conscientização sobre a prevenção do câncer de mama, colo de uterino e próstata.

O Sindicato, que sempre defendeu a saúde como prioridade, orienta que os funcionários aproveitem ao máximo essa campanha, que segue até o dia 31 de dezembro.

Reestruturação agrava preocupação com emprego e função social

O Bradesco passa por uma ampla reestruturação, anunciada como estratégia para aprimorar a rentabilidade e a eficiência operacional. O plano, com metas até 2028, inclui a modernização de processos, cortes em cargos de liderança e uma expansão das áreas de tecnologia, com contratação de até quatro mil profissionais. Em contrapartida, o banco segue reduzindo seu número de agências tradicionais, substituindo-as por unidades empresariais e correspondentes bancários, o que já vem produzindo grave impacto no quadro de funcionários.

Para os trabalhadores, as mudanças significam incertezas, especialmente em relação aos cargos de gerência e ao futuro das

agências físicas. Para os clientes, há um movimento para fortalecer o atendimento digital e especializado, que é divulgado com capax de trazer mais conveniência, mas o banco tenta esconder que a redução de agências vai dificultar, cada vez mais, o acesso

para quem depende do atendimento presencial.

Para a sociedade, a reestruturação reflete uma tendência de automação no setor bancário, que já há muito tempo vem reduzindo postos de trabalho. Isso num ambiente que é cada

vez mais pressionado pelo desemprego. O banco, entretanto, alega que as transformações buscam estabilizar a lucratividade, com melhorias esperadas a partir de 2025.

A reestruturação do Bradesco representa um desafio significativo para o Sindicato dos Bancários. As negociações precisam, cada vez mais, focar na proteção de empregos e na requalificação dos funcionários para novas funções tecnológicas. Além disso, há o desafio de assegurar direitos trabalhistas em um cenário de terceirização e menor presença física do banco. Nesse contexto de pressões econômicas, é preciso reforçar a mobilização e manter diálogo permanente para garantir direitos.



Reestruturação vem sendo questionada em todo o país de forma unificada. Bahia reforça luta com manifestações intensas nos dias nacionais de luta

Transição para modelo digital é questionada

Diante do potencial impacto do plano de reestruturação que o Bradesco está implementando, o Sindicato acendeu o sinal amarelo. Ainda no final de abril (23), foi realizada uma reunião virtual com o setor de relações sindicais do banco, quando representantes dos funcionários da Bahia e Sergipe cobraram respostas sobre os prejuízos desse plano, em especial o volume de demissões.

No ano passado, 71 empregados foram dispensados na Bahia e, este ano, até o início de abril, já eram mais 31, conforme registros do Sindicato, mas o banco insiste em afirmar que as dispensas atuais não têm relação com a reestruturação, mas com uma readequação em função da transição para dar mais foco aos meios digitais.

A migração para o modelo virtual, entretanto, é parte da

reestruturação e já vinha produzindo impactos negativos. O crescente fechamento de agências sobrecarrega as remanescentes e adoce os funcionários. Só a ameaça de fechamento já gera estresse, como ocorreu na agência de Ubatã. A reestruturação amplia a pressão por metas e os bancários sofrem assédio moral.

A mudança de foco da presença física para o modelo de serviços digitais pode ser uma faca de dois gumes para o banco. O Itaú, que estava acelerando forte nesse sentido, teve que colocar o pé no freio e retomar algumas agências porque estava perdendo clientes. A inclusão digital no Brasil não é uma realidade em boa parte do país, especialmente no interior, onde muitas agências estão sendo fechadas.

Outros pontos levantados na reunião de abril foram a pressão por metas e o alto índice

de adoecimento da categoria, a falta de segurança nas unidades de negócio, o plano de demissão voluntária (PDV) e a manutenção do plano de saúde para os aposentados. Participaram o presidente da Febbase, Hermelino Neto, o vice-presidente do Sindicato

dos Bancários da Bahia, Élder Peres, além dos representantes da COE Bradesco, José Venas e Ronaldo Ornelas, além de representantes dos sindicatos de Camaçari, Feira de Santana, Extremo Sul, Ilhéus, Irecê, Jacobina, Jequié, Juazeiro e Vitória da Conquista.



Em reunião virtual com o setor de relações sindicais do banco, representantes dos funcionários da Bahia e Sergipe discutiram prejuízos da reestruturação, em especial o volume de demissões

Luta contra demissões é permanente



Demissões em massa, fechamento de agências e sobrecarga de trabalho têm elevado absurdamente o nível de adoecimento. A denúncia é permanente nas manifestações

O Sindicato vem fazendo manifestações e tem participado ativamente dos dias nacionais de luta, denunciando publicamente a reestruturação em curso no Bradesco, que significa fechamento de agências, demissões em massa, sobrecarga de trabalho e adoecimento.

Para o diretor do Sindicato e coordenador da Comissão de Organização dos Empregados (COE) do Bradesco na Bahia, Ronaldo Ornellas, a garantia de empregos é hoje uma das lutas centrais da categoria e foi, inclusive, uma das reivindicações centrais na campanha salarial dos bancários este ano.

Apesar do lucro crescente no primeiro semestre desse ano, o Bradesco fechou, no país, 2.159 postos de trabalho em 12 meses e encerrou as atividades de 169 agências, 173 postos de atendimento e 77 unidades de negócios.

Para o presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia,

Augusto Vasconcelos, é importante reafirmar que “os trabalhadores não são peças descartáveis para aumentar o rendimento das empresas”. Em 2023, o lucro líquido do Bradesco foi de R\$ 16,3 bilhões. “É inadmissível que isso seja obtido a custas da saúde dos funcionários”, protesta Augusto.

Sindicato tem presença em toda Bahia

O trabalho de mobilização, acompanhamento e apoio permanente do Sindicato em toda sua base territorial garante o desenvolvimento da luta bancária no interior do estado, chegando às divisas com Pernambuco e Sergipe. Algumas localidades ficam a 1000 km de distância da sede, em Salvador.

Em todas as localidades, o Sindicato vem trabalhando no sentido de resistir contra o fechamento de agências e o assédio moral que tantos prejuízos trazem aos bancários e às comunidades. Especialmente o Bradesco é um ponto crítico atualmente. O banco herdou do Baneb uma rede de agências estruturada para dar a necessária cobertura que é papel de um banco do estado, mas esse compromisso não foi assumido com a privatização.

O fechamento de agências e Postos de Atendimento (PAs) com substituição por correspondentes bancários, além de gerar demissões e agravar o desemprego no estado, provoca enormes transtornos à popula-



Luiz Araújo e Ronaldo Ornellas

Diretores do Sindicato e da Federação BA-SE, atuam cotidianamente nas agências da capital e interior da Bahia



Luiz Bacelar (esq.), da Federação, com Valter, funcionário da Delegacia Sindical de Alagoinhas



Luis Carlos e Júlio Carlos



Wagner Moreira, diretor da Federação BA-SE

ção que, do dia para a noite, precisa viajar para outras cidades onde ainda existe agência bancária. Muitos clientes de estados vizinhos passaram a ser atendidos na Bahia, o que sobrecarrega os funcionários das agências

remanescentes, além de colocar em risco a vida dos clientes pelo perigo das estradas.

Só em outubro, o Bradesco fechou 4 PAs e duas agências no interior, causando enorme prejuízo ao comércio local porque

a maioria dos negócios nessas localidades ainda são feitos em dinheiro. Em Abaré, por exemplo, a agência atende agora clientes de cidades vizinhas de Pernambuco, onde não há mais atendimento presencial.

A ganância pelo lucro do Bradesco acaba impactando também bancos públicos. Recentemente, ao fechar mais uma agência no interior, repassou para o Banco do Brasil nada menos que o atendimento de 3 mil aposentados, numa agência que já trabalhava no limite. Além do adoecimento de seus funcionários o Bradesco provoca sobrecarga e adoecimento de trabalhadores de outros bancos, que atualmente já vivem utilizando remédios controlados.

Conforme o banco for aprofundando a opção pelo atendimento exclusivamente digital, essa situação só tende a se agravar. Mas o Sindicato está atento e continuará firme na defesa do emprego e do bom atendimento aos clientes, exigindo o cumprimento da função social que os bancos devem ter.

Artigo

André Guerra*

A função antissocial dos bancos e o adoecimento generalizado da categoria

Começo essa reflexão com uma pergunta. Qual é a função de um banco?

Um hospital tem função. Uma oficina mecânica tem função. Uma escola tem função. Uma academia de musculação tem função. Um estádio de futebol tem função. E um banco? Qual a função de um banco?

Em minhas palestras, quando faço essa pergunta aos bancários e bancárias da plateia, nunca ouvi uma resposta de primeira. Todo mundo titubeia para responder.

A Constituição Federal brasileira, em seu artigo 5º, inciso XXII, garante o direito de propriedade privada. Mas não por

acaso, no inciso imediatamente seguinte, o XXIII, a Constituição impõe que toda propriedade deve atender à função social. Não existem direitos sem deveres. Não existem deveres sem direitos. Não pode haver direito à propriedade privada, ao lucro, sem o cumprimento da função social.

Ocorre que o gaguejar dos bancários quando confrontados com a pergunta sobre a função dos bancos revela uma obviedade: os bancos não desempenham uma função social. Mais do que isso. O sistema financeiro brasileiro tem uma função antissocial. Isso significa que a existência dos bancos, especialmente os pri-

vados, não tem outra função a não ser garantir dividendos para seus acionistas. Os lucros obtidos pelo sistema financeiro brasileiro se dão às custas da espoliação e do endividamento generalizado das camadas mais pobres da sociedade. Prova disso é o consenso da categoria bancária de que os piores “produtos” financeiros são destinados quase que exclusivamente às camadas médias e menos favorecidas da população.

Títulos de capitalização, Certificados de Depósito Bancário, seguros de vida, consórcios, etc., grande parte desses “produtos” vendidos - ou empurrados através de vendas casadas - não

seriam adquiridos nem pelos bancários que fazem as vendas. Quantos bancários acreditam no valor dos produtos que vendem? Quantos bancários chegam ao final do dia com o sentimento de que melhoraram a vida de uma pessoa, família ou empresa? Quantos bancários teriam coragem de revelar as estratégias que utilizam para bater as metas da semana?

O psiquiatra austríaco Viktor Frankl afirmava que o elemento mais essencial da saúde psíquica é a existência de um sentido para a própria vida. Para ele, uma vida com sentido é aquela capaz de realizar-se através de tarefas repletas



Os mecanismos de captura da subjetividade, através de instrumentos de avaliação de desempenho dos bancários foi o tema da palestra de André Guerra, na 26ª Conferência dos Bancários da Bahia e Sergipe, realizada em maio deste ano, em Salvador. Ficaram ainda mais evidentes as estratégias de exploração dos bancos sobre empregados e clientes para maximizar lucros

Artigo: André Guerra*

de valor e finalidade. Quando sentimos que nossa vida faz uma diferença positiva na vida de outros, sentimos que nossa vida vale a pena ser vivida. Por outro lado, quando nossa existência é indiferente ou até mesmo negativa para os outros, sentimos que nossa vida não vale a pena ser vivida. Quantos bancários podem dizer que seu trabalho produz diferenças positivas na vida de outros?

Essa reflexão nos leva necessariamente à conclusão de que o trabalho bancário atual é destituído de sentido. É claro. Não é possível a realização de um sentido com valor e finalidade em um contexto estrutural antissocial. E a ausência de sentido é condição suficiente para a instalação do adoecimento. Por conta disso, podemos afirmar que o adoecimento generalizado da categoria bancária não é um acidente, mas efeito colateral de um projeto gerencial que ignora completamente a dignidade dos trabalhadores e consumidores do sistema financeiro. É muito estreito o balcão que separa a categoria bancária do restante da população. Em ambos os lados da mesa estão cidadãos sendo espoliados pelo mesmo sistema financeiro.

Conclusão: a estrutura política e econômica que sustenta o sistema financeiro brasileiro é antissocial, logo a gestão dos



O vice-presidente do Sindicato, Elder Perez, que também é psicólogo, corroborou a análise feita por Guerra, durante a 26ª Conferência dos Bancários da Bahia e Sergipe, realizada em maio deste ano, em Salvador

bancos, atendendo os ditames dessa função antissocial, será necessariamente antissocial. Por isso, o fundamento da gestão baseada no assédio moral não está apenas na dimensão organizacional dos bancos. Não são os colegas e gestores “perversos” os responsáveis pelo ambiente organizacional infernal dos bancos. É a dimensão econômica e política que autoriza a existência de empresas antissociais o fundamento da violência organizacional. Em um ambiente

como esse (estruturalmente antissocial) todas as relações socio-profissionais serão baseadas no medo, desconfiança, concorrência, competição, deslealdade.

Bancários e bancárias são jogados cotidianamente numa arena de competição quantitativa. Não importa a qualidade do que é ofertado, mas a quantidade. Se um “produto” for péssimo para quem o adquire, isso se torna irrelevante se a meta for atingida. Se o “produto” adquirido pelo consumidor irá prejudicá-lo, isso é irrelevante se a meta for atingida. É assim que a capacidade de pensar criticamente e a faculdade de julgar vai se deteriorando dentro dos bancos. Bancários são estimulados a não pensar. Quem pensa demais corre o risco de não bater as metas. Não é de boas intenções que o inferno está cheio. O inferno está cheio de pessoas que pararam de pensar.

A função antissocial dos bancos é a doença; o adoecimento generalizado da categoria é o sintoma. Enquanto o trabalho bancário se der nesse contexto indigno e adoecedor, a saúde não será uma opção. A centralidade da pauta da saúde exige uma ação sindical

concertada e que enfrente simultaneamente três frentes de batalha: 1. Estrutural (descumprimento da função social por parte dos bancos); 2. Organizacional (técnicas que estimulam a concorrência e competição entre colegas); e 3. Pessoal (sofrimento psíquico causado pelas repercussões das dinâmicas estrutural e organizacional).

Somente reconhecendo os atravessamentos econômicos e políticos que compõem o sofrimento individual é possível superarmos a chaga de apenas se “enxugar gelo” na área da saúde. É urgente passarmos para uma postura ativa de enfrentamento do adoecimento da categoria bancária. Para isso, a luta sindical bancária não deve ser meramente corporativa. Bancários e bancárias devem se ver acima de tudo como a vanguarda da sociedade brasileira no enfrentamento e resistência às mazelas coletivas provocadas por um sistema financeiro antissocial.

** André Guerra é psicólogo, advogado, jornalista, Doutor e Mestre em psicologia social, assessor técnico do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e da Fetraf-RS.*



O amplo auditório da área de eventos do Hotel Fiesta ficou completamente ocupado por bancários e bancárias, durante todas as palestras da 26ª Conferência. Quem não pode comparecer acompanhou os principais debates pelos canais do YouTube do Sindicato e da Federação da Bahia e Sergipe